

*Jaqueline Ap. M. Zarbato Schmitt*



## **As Memórias do Tempo Livre de Trabalhadores e Trabalhadoras em Florianópolis.**

Jaqueline Ap. Martins Zarbato Schmitt\*

### **Resumo**

Este artigo procura analisar alguns elementos da memória dos trabalhadores nos momentos do não trabalho e, desta forma, perceber as mudanças de sociabilidade que eram cultivadas, buscando identificar as mudanças vividas no cotidiano, dentro do espaço urbano de Florianópolis.

**Palavras chaves:** Trabalhadores- Memória- Cidade

### **Abstract**

This article analyse some elements of the workers' memory in their off work moments. Looking into the practices of sociability that were employed, it tries to identify the changes occurred in the everyday life in the urban space of Florianópolis.

**Keywords:** Workers- Memory- City

De Zé Carioca a Macunaíma, as representações sobre o brasileiro sempre buscaram caracterizá-lo como indolente, preguiçoso, um “boa vida”, que vivia de “sombra e água fresca”. Em Florianópolis, entre 1910 e 1920, “o habitante do litoral”, muitas vezes descendente de açoriano, também era caracterizado como não dado ao trabalho e talvez, devido a isso, elegeu-se o “manezinho” para representar o habitante da cidade.

Entretanto, quando se analisa o cotidiano dos trabalhadores e trabalhadoras, percebe-se que essa caracterização não confere, pois, na análise que realizei, encontrei inúmeras falas que trazem o cotidiano de trabalho na cidade. Mas, cabe dizer que o cotidiano de trabalho na cidade possui inúmeros aspectos a partir dos quais não se esgotam as possibilidades de análise. Porém, não é só de trabalho que vivem os homens e as mulheres; além dele, outros elementos compõem seu cotidiano.

\* Aluna do Programa de Pós Graduação em História / UFSC. Orientadora Prof.ª Dr.ª Cristina Scheibe Wolf.

Apesar das descrições sobre as dificuldades, as tristezas, as amarguras, o esquecimento, o silêncio, encontrei nas lembranças desses sujeitos alguns elementos, seja no passado ou mesmo no presente, que trouxeram outras emoções, como de descontração, alegria, enfim, os momentos em que estes não trabalhavam, ou seja, os tempos livres.

Assim, é necessário esclarecer que a concepção de tempo de trabalho e tempo livre não eram bem delimitadas na cidade, isso porque se estava inserindo uma nova noção de trabalho, advindo também uma nova concepção de tempo livre. Neste sentido, o tempo antes regido pela natureza, quando pescavam e plantavam, vai se modificando em nome da “modernização” da cidade, despontando “outros tempos” para o trabalho, de forma que há a (re) invenção da noção de tempo. Não há uma extrema demarcação entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho.<sup>1</sup>

Por isso, mais do que existir pelo trabalho, esses homens e mulheres têm sua vivência marcada por uma série de questões presentes em seu cotidiano, ou melhor, não é somente no *labor* diário que estes se fazem membros da sociedade. Também, através dos espaços de sociabilidade, dos círculos de amizade e do convívio familiar, é que se costura a imensa colcha de retalhos que se constitui a vida dos trabalhadores em geral.

Então, tendo em vista que tinham sua importância na cidade, importância essa vinculada ao desenvolvimento de suas atividades - e que, muitas vezes, os faziam sentir-se “úteis” por exercitá-las -, nos momentos em que não estavam trabalhando, afloram nesses sujeitos a interação entre eles e o ambiente em que desfrutavam seu lazer. Isso torna-se perceptível na medida em que narram seu tempo livre, pois nas suas lembranças são constantes certas preocupações por ocasião da participação em algum evento, seja festa, baile, cinema, ou até mesmo um passeio no Largo 13 de maio<sup>2</sup>, na Praça XV, etc.

Essas preocupações não lembram em nada as que mantinham no exercício de sua atividade, pois voltam-se para o cuidado com a vestimenta. Isso fica visível a partir das recordações do Sr Nicolau, quando este afirma que, quando participava das festas, tinha um terno de “*linho branco, bem passado, com o qual permanecia na festa*”. Também percebe-se a preocupação com os modos de se portar frente “as moças”, com a entrada em bares, em bailes de elite, como relembra o Sr Francisco, o qual muitas vezes “*alugava um carro para que o levasse até o clube*”.

<sup>1</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. Entre a casa e a rua... memória feminina das festas açorianas no sul do Brasil In: *Cadernos Pagu* (4). 1995 p 120

<sup>2</sup> Alguns entrevistados lembram do Largo 13 de maio com saudosismo, afirmando que muitas famílias passeavam neste local nos fins de semana.

Os momentos livres são definidos como o “tempo de cada trabalhador”, pois, nessa hora, buscavam atenuar aquele cotidiano extenuante, fomentado pelo ritmo de trabalho, pelo pá que escavava a terra, pela rede que era jogada ao mar, pela madeira que era carregada, pelo conferimento de carga. Esses momentos poderiam ser poucos, mas para esses trabalhadores e trabalhadoras eram “valiosos momentos”, nos quais a única preocupação era divertir-se.

Logo, as memórias sobre os momentos em que não estavam trabalhando permitem avançar na problematização sobre as vivências dos trabalhadores no processo urbano. As lembranças muitas vezes trazem elementos comuns de suas experiências, isso porque “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.”<sup>3</sup>

Desta forma, o cinema, os clubes, o teatro, as festas, o footing e o futebol eram algumas diversões na cidade de Florianópolis, porém são perceptíveis certas diferenças no que se refere a elas. Na imprensa encontram-se, algumas vezes, pequenas notas que destacam as diversões na cidade. Por exemplo, as festas religiosas são sempre mencionadas de forma descritiva, como nas notas a seguir, onde é lembrada uma das festas mais freqüentadas pela população:

“No dia 12 do mês vindouro, realiza-se a tradicional transladação da venerada imagem do Senhor dos Passos e no domingo 13 a procissão. Como nos anos passados a iluminação do Largo 13 de maio e a rua Tiradentes será deslumbrante.”<sup>4</sup>

“Com o costumado brilho que a fé católica da nossa população sabe emprestar às festas religiosa, realizou-se ontem a tarde, a procissão da milagrosa imagem de São Sebastião.”<sup>5</sup>

Esse tipo de notícia nos mostra que, mais do que o cunho religioso, essas festas eram uma forma de diversão para muitos trabalhadores. Como lembra Maria Auxiliadora Decca, ao analisar o cotidiano dos trabalhadores em São Paulo, as festas religiosas, as procissões eram de certa forma populares nos bairros operários, o seu lado lúdico aliando-se ao religioso<sup>6</sup>.

<sup>3</sup> HALBWACHS, Maurice. A memória Coletiva. SP: Ed Vértice, 1990. p. 56

<sup>4</sup> Jornal A República 23/02/1921. Festas Religiosas

<sup>5</sup> Jornal A República 22/01/1921. Procissão de São Sebastião

<sup>6</sup> DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. A vida fora das fábricas: Cotidiano operário em São Paulo 1920-1934. RJ: Paz e Terra, 1987. p 43

Se no jornais percebe-se menções às festas, é através das memórias dos trabalhadores e trabalhadoras que encontrei melhores explicações sobre as horas que passavam nesses eventos, visitando barracas, participando dos bailes. É nesse sentido que este texto utiliza as memórias: como uma maneira de apreender algumas questões que se faziam presentes no cotidiano dos trabalhadores.

Sendo a memória *sempre algo reconstruído. E reconstruído em função das experiências da pessoa que fala*<sup>7</sup>, percebemos que determinados acontecimentos ganham relevância nas narrativas, onde as formas de sociabilidade são percebidas como momentos imprescindíveis na trajetória de cada trabalhador. É o que nos demonstra a forma como as festas são relatadas pelos trabalhadores, como no caso do Sr Nicolau:

“Eu morava na Costeira e ia para o Ribeirão, nas festas do Espírito Santo(...). Ia de barco, levava um baú com minha roupa de festa, linho. Tinha um amigo lá, quando chegava deixava o barco na casinha, e lá ele tinha um quartinho para mim. Nas barracas, uma beleza aquilo. Tinha uma amizade muito grande, eu sabia me prestar muito bem(...) Lá conheci minha mulher. Ela era filha de Maria, ela e duas irmãs.<sup>8</sup>”

O Sr. Nicolau, quando relata o convívio com as pessoas da comunidade do Ribeirão da Ilha, a todo momento diz ser necessário para uma boa convivência ter educação, fato que encontrei presente na lembrança citada acima. Nos detalhes sobre a roupa que levava para usar, no baú utilizado para guardá-la, na maneira como conheceu sua esposa, na “tradição” de acompanhar a moça até em casa e no pedido de namoro podemos perceber a nostalgia com que as festas são recordadas. Isso tudo traz inúmeras questões que transcendiam o cotidiano “desgastante” de trabalho.

Por isso, entendo que se torna importante ir além das discussões que tratam sobre o processo de trabalho ligado à produção capitalista. Através das experiências cotidianas é que percebemos a grande complexidade que é ser trabalhador e trabalhadora, pois, por muito tempo, essas experiências permaneceram em “silêncio” - um longo silêncio sobre o passado que, “longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais.”<sup>9</sup>

<sup>7</sup> PERROT, Michele. A força da memória e da pesquisa histórica. In: Revista Projeto História, PUC/SP, n 17, 1998. p. 359

<sup>8</sup> Entrevista com Sr Nicolau 02/09/1999.

<sup>9</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio In: Revista Estudos Históricos. RJ, vol 2, n 3, 1989. p. 09

Invisíveis perante certos documentos, as festas, os cinemas e os clubes se constituem enquanto lugares de memória, onde esses homens e mulheres ocupavam seu espaço no contexto da sociedade na qual viviam. Assim, como destaca Ecléa Bosi, quando correlaciona memória e sociedade, ao registrar a voz ávida e o pensamento dos seres, que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós, se traz os vários espaços de memória<sup>10</sup>. Nessa perspectiva, ao se falar em lugares de memória, essas festividades deixam suas marcas na dimensão da vida social.

Como afirma Maria Bernardete Ramos Flores, a memória é povoada pelas lembranças das festas anuais:

“(...) as lembranças da dimensão cômica do cotidiano e do sagrado: as brincadeiras no trabalho, a cantoria e a ratoeira na apanha do café, o jogo do capote da farinhada, a dança após a reza do terço. As lembranças das brincadeiras tradicionais que configuram as épocas, marcadas pela repetição: o terno de reis, a farra do boi, o boi-de-mamão, o pão-por-deus, o entrudo. E, ainda, os espaços de diversão criados pelo grupo de vizinhança: o teatro, os bailes.<sup>11</sup>”

Assim, as festas indicam várias dimensões da vida cotidiana, com uma intensidade a partir da qual vemos tornar-se visível a condição social daquele que lembra. Por exemplo, os cinemas aparecem nas memórias sobre os espaços de sociabilidade e podem ilustrar essa afirmação, já que nem todos os trabalhadores e trabalhadoras tinham acesso a estes locais. Estes eram restritos a uma minoria devido ao fato de serem dispendiosos, além de fazerem parte de tipos de divertimento restritos a determinados grupos sociais. Nos jornais, esparsamente encontramos notícias sobre os cinemas, exceto quando falam sobre a ameaça de fechamento destes locais:

“Numa destas últimas noites em que era exibido um dos mais custosos e lindos filmes da fábrica FOX o Ponto Chic, o elegante cinema da praça XV estava quase vazio. Apenas trinta e tantas pessoas na platéia (...) desde que se inaugurou o Ponto Chic, o público afastou-se lamentavelmente d’hai, deixando de auxiliar a Empresa que teve a coragem de manter

<sup>10</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade - lembrança de Velhos*. Sp: EDUSP, 1987, p. 01

<sup>11</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Memória e Festa* In: *Revista-História em Debate: Problemas, Temas e Perspectivas*. RJ: 1991. p 135.

um cinema.

A nossa sociedade precisa frequentá-lo dando um a demonstração de seu bom gosto. Necessário se torna manter esta casa de diversões. Florianópolis já prima pela absoluta falta de divertimentos públicos.

É preciso auxiliarmos a Empresa Mora de sorte que ela não realize a sua idéia de fechamento do melhor, do mais elegante cinema que possuímos.<sup>12</sup>

Ora, a partir dessa notícia percebe-se uma certa dificuldade em se manter o cinema na cidade, devido à falta de frequentadores. Por isso, nos relatos é rara a menção a estes, a não ser quando são recordados como locais belos e distantes da realidade das pessoas. É por isso que as lembranças do Sr Assis me causaram um certo estranhamento, na medida em que ele afirma que “não perdia um cinema, gostava muito de cinema. Ia quase todos os sábados ver os filmes romântico; as fitas eram demoradas e depois que saía do cinema ia tomar café no Ponto Chic.”

Talvez, devido ao pouco acesso ao cinema, o teatro tenha sido um dos locais onde se tem mais registro da presença dos trabalhadores e trabalhadoras, embora algumas vezes ele possa ser relacionado por seu cunho político – o que não é, necessariamente, uma regra. O Sr. Assis, no entanto, lembra que não era do sindicato, mas que tinha um colega que o levou para ver peças teatrais no teatro da União Beneficente Recreativa Operária:

“Aquele teatro ali eu tinha um colega meu, que trabalhava na EDUC, inclusive ele fazia parte do movimento operário. Eu não fui do sindicato. (...) e ali eles tinham movimento de lazer e eu me lembro que uma ocasião ele participava de uma peça, Deus lhe pague do Juracir Camargo. Ele era um dos componentes. Eu assisti algumas peças.<sup>13</sup>”

Conforme as lembranças do Sr Assis, percebe-se que ele foi ao teatro graças à intervenção de um colega, momento a partir do qual passou a frequentar esse espaço como uma forma de entretenimento, como a maioria dos trabalhadores e trabalhadoras. Porém, muitos outros viam o espaço do teatro também como um local de discussão política, de acordo com as colocações do Sr Manoel, segundo o qual:

<sup>12</sup> Jornal *A República* 13/03/1920 O Ponto Chic vai Fechar?

<sup>13</sup> Entrevista com Sr Eidi 18/08/1999

“A UBRO surgiu de uma dissidência na Liga Operária, onde a classe operária se reunia para discutir seus interesses e ter momentos de lazer(...) junto a tudo isso estava presente a preocupação com o desenvolvimento intelectual dos operários.<sup>14</sup>”

O teatro da UBRO foi um dos mais freqüentados pelos trabalhadores, provavelmente devido à questão política, mas também porque a maioria das peças eram voltadas para as camadas populares. Segundo as falas de D. Julia e D. Ieda, “quem compunha tanto as peças quanto a platéia era a classe social menor, mais pobres: pessoas de periferia e interior da ilha. As pessoas vinham de longe, fretavam um caminhão e se mandavam lá do Ribeirão da Ilha e de outros lugares.<sup>15</sup>”

Se no teatro eram encontrados trabalhadores que exerciam as mais variadas atividades, e que compunham as “classes populares”, o mesmo não se pode dizer quanto aos clubes, os salões da cidade. Estes eram freqüentados pela “alta sociedade” que, a partir da segunda metade do século XIX, passou a se reunir não mais apenas nas Igrejas e nas festas do Palácio da Presidência da Província. Nesse período, já haviam os salões e *em 1880, contava-se com as seguintes sociedades: harmonia Militar(1863) Clube Familiar(1864) Clube 12 de Agosto(1872) Euterpe 4 de março(1871).*<sup>16</sup>

Esses clubes eram freqüentados pelas elites locais, pelos militares e pelos funcionários públicos, embora alguns trabalhadores tivessem acesso às festas ou até mesmo a participarem como sócios. O Sr Francisco, quando fala dos momentos de lazer, lembra que, para participar das festas nos clubes era necessário que se respeitassem algumas regras. *Para entrar dependia do ambiente social. Não era permitido entrar cafajeste, só entrava sociedade.* Isso nos mostra que havia uma separação nítida entre o que era diversão para a elite e o que era diversão para as camadas populares. O Sr Francisco também recorda do Miramar, que ficava na Praça XV e fazia frente para o mar. Este espaço, onde aos domingos promoviam-se saraus, em 24 de outubro de 1974 foi demolido para ceder lugar ao Aterro da baía sul.

“No Miramar aos domingos, principalmente nos domingos, se reunia a sociedade de Florianópolis para brindes, reuniões

<sup>14</sup> RIBEIRO, Manoel Caminhos Fpolis: EDEME e SANTOS, Solange O Resgate Histórico da UBRO. Relatório final: UDESC/Centro de Artes ed dat Florianópolis, 1993 s/p

<sup>15</sup> Entrevista In: SCHMEIL, Lilian Memória da UBRO. Fpolis: FCC, 1995. p 28

<sup>16</sup> CABRAL, Osvaldo R. Nossa Senhora de Desterro. Fpolis: EDUSC, 1972. Memória II. p. 23



sociais. Eu cheguei a participar dessas reuniões com a minha mulher. (...) música mesmo não tinha, mas tinha um ambiente social muito simpático. Os garçons servindo como Gentlemen a todos os que ali chegavam para participar daquele ambiente social, muito agradável. (...) eu ia de terninho branco, bonitinho, eu ia de palheta.<sup>17</sup>

Nas lembranças do Sr Francisco participar das festas de “sociedade” - como ele denomina - é freqüentar um espaço inacessível para a maioria dos trabalhadores. A sua entrada nesses salões acaba por inseri-lo num círculo social que vai além dos espaços de convivência da maioria dos trabalhadores e trabalhadoras. Suas lembranças destacam pontos que, por vezes, nos levam a acreditar que ele, de certa forma, buscou inserir-se naquele meio social

Sergio Ferreira salienta que tínhamos no Miramar esta mistura de personagens, o que acentuava ainda mais as diferenças sociais. O político e o capitalista ali se misturavam à criança e à mulher pobre. Os pescadores e os lavradores que vinham à cidade vender seus produtos também transitavam ali.<sup>18</sup> Como a cidade tinha poucos lugares de divertimento, em alguns deles, como é o caso do Miramar, concentravam-se diferentes sujeitos sociais. Entretanto, nem todos podiam participar das festas.

Deste modo, pode-se dizer que os divertimentos na cidade, ou seja, os cinemas, clubes, teatros, bares, salões de baile e festas se configuram como “lugares de memória”, expressando o desejo de retorno ao convívio com os grupos, a vontade de busca do grupo que se auto-reconhece e se auto-diferencia; uma tentativa de recuperar algumas experiências comuns.

Pierre Norá, quando aprofunda sua análise sobre os lugares de memória, traz os momentos nos quais os sujeitos sociais vivem a tensão entre a tradição vivida e o abandono provocado pelos grupos que vão aos poucos sendo desfeitos. No caso de Florianópolis, esse abandono é provocado pelos ideais de modernização. Talvez, por isso, os trabalhadores sintam a necessidade de se agrupar, ou até mesmo de (re) lembrar os espaços de sociabilidade, como uma forma de reafirmar suas experiências através dos lugares de memória. Como destaca Norá:

“Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações,

<sup>17</sup> Entrevista com Sr Francisco Althoff em 19/10/1999

<sup>18</sup> FERREIRA, Sérgio. *O banho de mar em Florianópolis*. p 79 Dissertação de Mestrado. UFSC. Florianópolis, 1994.

pronunciar elogios, notariar atas, porque essas ocupações não são naturais.<sup>19</sup>”

Ao reforçar o fato de que freqüentavam determinados lugares nos momentos de lazer, podemos dizer que os trabalhadores buscavam destacar esses lugares, enfatizando sua importância para a cidade. Se essa importância era verídica, ou não, é difícil dizer. Pode-se supor que, pelo menos para aqueles que lembram, os lugares têm um significado.

Assim, ir ao baile, participar do footing, ir ao teatro, ou até mesmo passear pelas praças, levam a perceber que, apesar da vida social na cidade ser escassa e com poucos divertimentos, muitos dos trabalhadores e trabalhadoras arranjavam alguma forma de diversão. Para alguns, as festas religiosas no interior da ilha eram os melhores divertimentos. Outros recordam-se das festas nos fins de semana, como é o caso do Sr Alcides, que fala sobre os bailes realizados nos sábados e domingos.

Torna-se evidente que a partir da República, com o advento do ideal de “civilização”, foram modificando-se as práticas cotidianas e, com isso, não só a noção de trabalho, mas também os espaços de lazer mudaram. Isso porque os determinismos culturais, sociais, políticos e econômicos pesam sobre todas as atividades do cotidiano, inclusive o lazer.<sup>20</sup>

No caso do footing, onde muitas pessoas iam para namorar, percebe-se algumas distinções, quando surgem algumas falas que aponta no sentido de percebermos a forma como um mesmo divertimento poderia ter significados diferentes. O Sr Francisco lembra que:

“Ali eu vinha com ela (a esposa). Ela bem trajada e eu acompanhando. O footing que havia na época era em volta do jardim, depois passou a ser da Praça XV até a Deodoro, voltava para lá e para cá. O footing era o vai e vem de senhoras bem trajadas, namorados, casados.<sup>21</sup>”

Já nas lembranças do Sr Mário, o footing tem um outro significado, talvez de distinção social. “Do footing eu me lembro. Eu não ia porque era para gente grande, eu sempre fui pobre e hoje ainda sou pobre<sup>22</sup>.” Um outro

<sup>19</sup> NORÀ, Pierre. Entre a memória e História. A problemática dos lugares. Trad Yara Aun Khoury In: **Revista projeto História**. SP: dez 93. p. 13

<sup>20</sup> CAMARGO, Luiz Lima. O que é lazer. Brasiliense, 1992, p. 10

<sup>21</sup> Entrevista com Sr Francisco

<sup>22</sup> Entrevista com Sr Mário. 09/11/1999.

aspecto em relação ao footing está colocado nas lembranças de D Irene, “a gente sentava na grama. Muito bom antigamente, sabe, melhor que hoje. Ah! Sim, ali a gente arranjava namorado, para lá e para cá.”<sup>23</sup>”

A partir dessas lembranças sobre footing, pode-se dizer que cada trabalhador que o freqüentava buscava uma maneira diferente de fazer parte dele. Nesse sentido nos apontam as colocações de Luiz Camargo:

“Numa festa, todos são atores. Todos entram no faz de conta, vestem-se roupas especiais, quando não a fantasia pura e simples. Todos procuram transmitir uma parcela especial e que imaginam a melhor de suas próprias realidades.”<sup>24</sup>”

Visto dessa maneira, não só o footing representaria uma forma de expressão. Também nos outros divertimentos, os trabalhadores e trabalhadoras preparavam-se de maneira especial para o seu tempo livre.

Ainda sobre o footing, este era freqüentado também em outros lugares, como destaca Sevcenko, analisando as mudanças no cotidiano em São Paulo. A partir das 16 hs, estabelecia-se o “footing” no circuito das lojas finas do triângulo, cujo ápice era o chá das cinco nos salões do Mappin Stores e o refluxo, o “rush” das seis.<sup>25</sup>

Em Florianópolis, assim como em São Paulo, este evento tinha sua importância como divertimento, mas aqui, quando se analisam as falas dos trabalhadores, podem ser percebidas certas peculiaridades. Para o Sr Francisco, que se considerava membro da “sociedade”, este era um dos divertimentos mais freqüentados, porém, o Sr Mário, devido a sua pobreza, não podia frequentá-lo. Percebe-se que, mesmo implicitamente, ambos dão visibilidade às distinções que havia nos lugares de lazer.

Ao analisar o tempo livre em Florianópolis, deve-se deixar claro que havia diferenciações na concepção de tempo livre. Durante muito tempo, e em algumas localidades da cidade, a noção de tempo era regida pela vivência cotidiana. Como esclarece Maria Bernardete Ramos Flores: “Não há uma demarcação exata do tempo de trabalho e tempo livre, de forma que a produção de subsistência, as diversões,(...) as trocas de experiências, estão imbricadas na jornada, dada pelo que é necessário fazer, necessidade proveniente do tempo regular das safras e das épocas.”<sup>26</sup>”

<sup>23</sup> Entrevista com D. Irene. Idem. Ibidem

<sup>24</sup> CAMARGO op cit p 23

<sup>25</sup> SEVCENKO, Nicolau. Orfeu Extático da Metrópole. São Paulo, Sociedade de Cultura nos frementes anos 20. SP Cia das Letras, 1992 p 51.

<sup>26</sup> FLORES. Op cit. p 120

Assim, essa forma de entender o tempo se torna mais perceptível quando os entrevistado lembram das festas religiosas. O Sr Alcides lembra que conheceu sua esposa numa festa na Capela de Santo Antônio em Canasvieiras, quando, depois da procissão, ia para o salão, dançar. Também, segundo o Sr Nicolau, “nos sábados nós ia para os bailes sim. A gente só queria brincar. Era trabalhadores daqui, tudo açorianos, do Estreito também. Em Santo Antônio de Lisboa, sempre dancei lá. Eu fui até presidente de um clube, o Avante.<sup>27</sup>”

A partir das “falas” desses sujeitos percebemos que há diferenças que vão além das formas de trabalho. Essas diferenças estão presentes também nos momentos do não trabalho, os quais nos mostram a existência de peculiaridades no cotidiano dos trabalhadores, que procuram, no tempo livre, ir ao encontro de seus “pares”, ou seja, divertir-se, conversar, dançar, conforme seus anseios particulares.

Logo, para esses homens e mulheres, transitar entre o centro da cidade e o interior da ilha, permanecer na Praça XV, ir aos clubes de elite, freqüentar os cinemas tinha um significado maior do que apenas lazer. Era o tempo livre de cada um deles, onde o “não fazer” também estava presente.

Sérgio Luiz Ferreira, ao estudar o banho de mar em Florianópolis, destaca que com a República mudou-se a noção das sociabilidades, pois se antes havia o jogo do entrudo e o boi de mamão, estes aos poucos foram sendo substituídos ou permaneceram apenas no interior da Ilha. Diante disso, ressalta que com o banho de mar aconteceu algo semelhante, passando a haver uma valorização e enaltecimento das propriedades do banho, o qual tornou-se um hábito comum. Apesar de já ser praticado desde o século XX, foi somente na década de 30 que o banho de mar passou a ser praticado por um número considerável de pessoas. Em suma, percebe-se que, juntamente com o redimensionamento das práticas de trabalho, o tempo livre e as formas de divertimentos também foram redimensionadas. Alguns foram substituídos, outros emergiram, impulsionados pelas mudanças no cenário urbano.

Logo, percebe-se que, em Florianópolis, o tempo de trabalho e o tempo que tinham livre constantemente se confundem, de tal modo que, muitas vezes, algumas atividades desempenhadas estavam de acordo não só com as habilidades dos trabalhadores e trabalhadoras, estavam situadas num “tempo próprio”, onde estes faziam as regras e os horários. Por isso, trazer as falas de alguns trabalhadores e trabalhadoras possibilitou suscitar o “outro lado da história”: histórias do que faziam além do trabalho, ou seja, festas, relacionamentos, grandes amores, diversão, desencontros, sonhos.

<sup>27</sup> Entrevista com Sr Nicolau em 09/09/1999.